

# Fraternidade

ORGÃO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL

Quinzenario independente

Redacção e administração — R. Barjona de Freitas, 38-2.º  
Officina de impressão — Typ. "Minerva" — Hamalicao

**Assignaturas** (Pagamento adiantado)

Portugal, um anno . . . . . 600 réis—Semestre. . . 300 réis  
Brasil (moeda forte) um anno 1\$200 »—Numero avulso 20 »

**Annuncios** (Preços convencionaes)

Não se publicam escriptos que tentem ferir qualquer individualidade  
EDITOR RESPONSÁVEL — Fernando Monteiro.

## Alberto Nazareth e Antunes Vaz

Estes dois grandes vultos do movimento caixeiral, soldados fieis á nossa causa, personalidades que envergavam com heroicidade a farda de *combatentes firmes*, audaciosos, *dignos e honrados*, abandonaram o movimento associativo!

E' este o caso de maior sensação dos ultimos tempos e é o golpe mais profundo e mais cruel que a classe dos caixeiros portuguezes tem recebido.

Perder—ouvir dizer que Nazareth e Vaz deixam a classe—é uma derrota que a classe soffre, é a confusão e a desorientação que entra nos arraiaes dos caixeiros; e, mais ainda,—é prever um caminhar sem rumo, e ver marchar um navio sem leme.

E' isto e nada mais.

Vêr Nazareth e Vaz trabalhar em prol da classe, sentir-lhes a fé, conhecer-lhes a vontade que gloriosamente os levou á lucta e que pela sua perspicacia no combate os pôz em destaque á frente da legião dos que defendem Direitos e Justiça, como nós já os presenciamos pela palavra e pela pena, a convicção de que a victoria caminhava para nós era profunda.

E' que Nazareth conhece bem a classe:—sabe comprehender o que ella quer, mas tambem conhece do que ella precisa:—caminhar unida e ser sincera na lucta em que se empenhou.

E Antunes Vaz, companheiro de luctas de Nazareth e experimentado como este nos assumptos da classe, era o braço forte d'aquelle—o seu *logar-tenente*,—como alguem lhe chamou.

Somos forçados a confessar que Alberto Nazareth é

um vulto sem igual substituição no movimento social da nossa classe, e que a sua perda é uma lacuna impreenchivel. A sua falta é dolorosa!

E' a sinceridade quem falla assim e é a admiração que sempre por elle tivemos quem nos aconselha a escrever o que sentimos.

Aos dois fulgurosos intellectos—Alberto Nazareth e Antunes Vaz—a quem uma corrente intima de amizade nos liga, enviamos o nosso abraço de solidariedade—abraço forte de quem sempre viu em Nazareth o mestre, o soldado e a intelligencia invejavel, e em Vaz o executor dos trabalhos d'aquelle.

Da *Luz do Commercio*, nosso leal confrade portuense, transcrevemos o bello artigo que segue, no qual mais alto e melhor do que nós se faz justiça á resolução dos dois verdadeiros e sinceros apóstolos que desertam de nossas fileiras, profundamente feridos, por serem esses periodos o nosso modo de ver e por estarem de perfeita harmonia com o que pretendiamos escrever como conclusão do que se diz acima.

Por isso, fazemos nossas as palavras que seguem, sahidas do intimo de quem conhece o valor dos dois honrados combatentes que hoje estão afastados de nossas fileiras.

«Dois verdadeiros e sinceros apóstolos que desertam, com pesar e magna d'elles e de todos quantos sabem avaliar o valor de tão puros combatentes e reconhecer a falta enormissima que fazem á nossa causa,—infelizmente tão ingrata e deficientemente servida.

Não somos adutores, nem pensamos de molde a esquecermos quanto devemos á Verdade que n'esta missão da imprensa—por dedicação—se impõe, para falsearmos essa missão por quaesquer sentimentos de sympathia ou amizade pessoal. Entretanto, em obediencia aos principios que professamos, por respeito á Causa que defendemos e de harmonia com a linha de pureza e honestidade que desejamos continuar mantendo a este jornal, somos forçados a confessar que a falta d'esse poderoso e importante vulto do caixeirato—Alberto Nazareth—é insubstituivel, principalmente no presente momento, e a de Antunes Vaz, valioso auxiliar e leal executor dos trabalhos a elle confiados, é tambem falta para sentir e lastimar devéras.

E' uma deserção condemnavel a dos dous vultos?

Não; confessamol-o com a maior sinceridade.

Elles não fogem por cobardia; não abandonam a liça por julgarem impossivel a realisação de seus ideaes emancipadores.

São dous crentes sinceros, dous devotadissimos apóstolos, duas almas nobilissimas, dous caracteres integros que, tendo sacrificado durante muitos annos o seu repouso das lides quotidianas, a sua boa vontade, todas as suas faculdades intellectuaes e de trabalho em prol d'uma classe opprimida, não viram sufficientemente comprehendidos os seus sacrificios.

E, se não ambicionavam louros, nem galardão de especie alguma, justo seria ao menos que a calumnia, a intriga e quiçá, peor ainda, a *exploração monetaria* poupassem a esses, como a todos os verdadeiros apóstolos.

Não o comprehenderam assim, espiritos maus e mesquinhos que nunca perdem occasião de ferir a classe, na pessoa dos collegas a quem ella mais deve em verdadeiros e reaes serviços.

Abusa-se demasiadamente n'este meio corrupto e baixo, n'este torpissimo *commodo* de intrigantes maldosos, do termo *paladino*.

Um artigo palavroso, embora sem nexo; uma correspondencia mirabolante ou a offerta de um

livro, chegam sufficientemente para ser conferido o titulo de «paladino» aos seus auctores!

Paladino—na verdadeira accepção da palavra—tem-no sido Nazareth, sacrificando o seu socego e enorme somma de trabalho á defeza da sua classe.

E Antunes Vaz, mais obscuro, menos conhecido da classe, nos mais affastados centros do paiz, conta tambem uma larga folha de serviços á nossa causa. Trabalharam juntos, irmanados na lealdade de proceder e na aspiração sublime que os trouxe á liça:—**emancipar o caixeirato!**

Retiram ambos, o segundo por solidariedade com o seu irmão de lucta, com o seu mestre, com o advogado acerrimo da reforma social que, farto de consumir *chloreto* na desinfeccção do meio associativo, onde, a despeito de todas as prevenções, penetram sempre os *pustulentos*, não pôde resistir muito ao tedio e á indignação. O fel amarissimo da ingratição e da maldade requintada que Nazareth tragára sempre, extravasou.

Não foge como um covarde; retira com todas as honras de combate:—vencido, mas não convencido.

Antunes Vaz—seu lugar tenente—imita o seu exemplo.

Não são transfugas; são combatentes derreados com o peso do condemnavel proceder de muitos d'aquelles por quem tantos sacrificios consumiram...

Poderá parecer que o caminho a seguir de nossa parte, n'esta tribuna, deveria ser outro, que não este.

Intimar os dous apóstolos a manterem-se firmes na lucta ou pedir-lhes em nome dos interesses da classe que desistissem do seu intento.

Por coherencia com o nosso modo de pensar, não o podemos fazer.

Se os reconhecessemos desalentados pela demora na realisação de seus planos de combate, a nossa intimação, formal e positiva, ser-lhes-ia feita.

Mas o caso não é esse; é muito differente.

Retira Alberto Nazareth magoado extremamente pela injus-

tiça; prejudicado pela falta de caracter que, salvo raras exceções, se destaca no nosso meio, com e agravante recentissima de novas e infames calumnias, lançadas a publico no intuito evidente de desnortear, prejudicando-o.

E' o odio, o rancorismo velho a manifestar-se...

Quem, em taes condições, seria capaz de empregar um esforço junto d'elle e de seu camarada Antunes Vaz, para que continuem a prestar á ingrata classe os seus valiosos e desier teressados serviços, sem poder tomar o compromisso solemne de... expulsar do templo os vendilhões?!

A Alberto Nazareth e Antunes Vaz os protestos solemnes do respeito e consideração que lhes devotamos, e com a parte honesta e sincera dos combatentes da nossa causa nos irmanamos n'este momento de angustia, pela retirada d'aquelles dous honrados e verdadeiros paladinos».

## Litteratura escolhida

### A MOLEIRINHA

De Guerra Junqueiro

Pela estrada plana, toc, toc, toc,  
Gicia o jumentinho uma velhinha errante.  
Como vão ligeiros, ambos a reboque,  
Antes que anoiteça, toc, toc, toc,  
A velhinha atraz, o jumentinho adiante!...

Toc, toc, a valha vae para o moinho,  
Tem oitenta annos, bem bonito rol! ..  
E contudo alegre como um passarinho,  
Toc, toc, e fresca como o branco linho,  
Da manhã nas relvas a cólar ao sol.

Vae sem cabeçada, em liberdade franca,  
O garco russo d'uma linda cor;  
Nunca foi ferrado, nunca usou retranca,  
Tange-o, toc, toc, a moleirinha branca  
Com o galho verde d'uma giesta em flor.

Vendo esta velhinha, encarquilhada e benta,  
Toc, toc, toc, que recordação!  
Minha avó céguinha se me apresenta...  
Tinha su seis annos, tinha ella oitenta,  
Quem me fez o berço fez-lhe o seu caixão!...

Toc, toc, toc, lindo burriquito,  
Para as minhas filhas quem m'o dera a mim!  
Nada mais gracioso, nada mais bonito!  
Quando a Virgem pura foi para o Egypto,  
Com certeza ia n'um burrico assim.

Toc, toc, é tarde, moleirinha santa!  
Nascam as estreitas, vivas, em carduma...  
Toc, toc, toc, e quando o gallo canta,  
Logo a moleirinha, toc, se levanta,  
P'ra vestir os netos, p'ra acender o lume...

Toc, toc, toc, como se espaneja,  
Lindo o jumentinho pela estrada chan!  
Tão ingenuo e humilde, dá-me, salvo seja,  
Dá-me até vontade de o levar á egreja,  
Bepusar-lhe a alma p'ra a fazer christão!

Toc, toc, toc, e a moleirinha antiga,  
Toda, toda branca, vae n'uma frescata...  
Foi enfiada, sorridente amiga,  
Pela mó da azenha com farinha triga,  
Pelos anjos loiros com luar de prata!...

Toc, toc, como o burriquito avança!  
Que prazer d'outrora para os olhos meus!  
Minha avó contou-me quando fui criança,  
Que era assim tal qual a jumentinha mansa  
Que adorou nas palhas o menino Deus...

Toc, toc, é noite... ouvem-se ao longe os sinos,  
Moleirinha branca, branca de luar! ..  
Toc, toc, e os astros abrem diamantinos,  
Como estremunhados charubins divinos,  
Os olhinhos meigos para a vêr passar...

Toc, toc, e vendo sidral tastoio,  
Entre os milhões d'astros o luar sem véo,  
O burrico pensa: Quanto miúdo loiro!  
Quem será que moa estas farinhas d'ouro  
Com a mó de jaspé que anda além no céu!...

## REPRESENTAÇÃO

Conforme promettemos em o passado numero d'este jornal, damos hoje publicidade á representação approvada na sessão magna do povo de Barcellos e que deveria ser lida n'uma das sessões da camara dos deputados pedindo a obrigatoriedade do descanso dominical.

Como, porém, o governo não podesse viver com as tezissimas aguilhoadas dos dissidentes — d'aquelles que não comen tabaco nem perfilham contractos que causem prejuizo ao thesouro publico — essa representação ficou no archivo da Associação dos Empregados do Commercio local e será enviada ao seu destino logo que haja oportunidade.

Ahi vae, pois, o documento alludido:

Senhores deputados da nação:

Ha muitos annos que a numerosa e importante classe dos empregados do commercio representa em quasi todas as sessões legislativas aos poderes constituidos, chamando a sua attenção para uma causa que — collectivamente — interessa aquella classe.

Essas representações simplesmente teem recebido, por parte do governo, as costumadas sacramentaes palavras: — a causa é muito justa e sympathica e por isso não pôde deixar de merecer a attenção do governo.

Mas isto não basta, senhores:

A prerogativa pela qual mais uma vez instamos perante a sabia camara dos senhores deputados, precisa de receber a sancção do governo, por uma lei especial que a afirme e torne de resultados praticos.

O descanso dominical, senhores, é hoje uma causa pela qual se interessa todo o paiz — como eloquentemente tem sido provado pelas manifestações populares — e que se harmonisa perfeitamente com as crenças religiosas em que fomos educados e com os nossos costumes; é um direito que se impõe ao respeito de todos, não só em nome da humanidade, como tambem por estar ao abrigo das nossas leis constitucionaes.

Que os que trabalham precisam de repouso, é a hygiene quem o diz e propaga.

«A saude e o bem estar dos que trabalham é cada vez mais um interesse a salvaguardar»; e «dadas as ideias socio-economicas e socio-hygienicas de hoje em dia, o trabalho ao domingo torna-se verdadeiramente escandaloso e condemnavel»; — dil-o o distincto hygienista Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Ricardo Jorge, ao tempo presidente da douta sociedade das Sciencias Medicas e que — no extenso e brilhantissimo relatório que elaborou para afirmar a necessidade da promulgação da lei do descanso semanal, não cessa de proclamar a justiça da causa dos que ainda uma vez se dirigem aos representandes da nação.

Lá fóra — no estrangeiro — o descanso das classes trabalhadoras é um facto traduzido pela lei: entre nós... é o que se vê, a despeito aos esforços empregados e da lucta tenaz e persistente em que essas classes se teem envolvido.

Um povo civilizado como queremos ser e uma nação que ha muito quebrou as algemas que a mantavam implorando o regimen da liberdade com as gigantes batalhas que doiram a nossa historia, não pôde nem deve deixar de pedir leis que concorram para o seu progresso, que moralhem e instruaem o espirito das massas populares.

Senhores:

As Associações — Humanitaria de Soccorros Barcelloense, Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios, dos Empregados no Commercio e Circulo Catholico d'Operarios e o povo de Barcellos — aquellas representadas pelos seus delegados que compõem a Comissão local de propaganda e reclamação da lei do descanso dominical e este reunido hoje no salão nobre da Camara Municipal, — entendem ser desnecessario apresentar o seu numero de razões pelas

quas se impõe e se justifica a necessidade da decretação do descanso dominical ou hebdomadario, já mais porque todos vos sois espiritos intelligentes e esclarecidos e sabeis interpretar as aspirações do povo de quem sois dignos representantes.

Por isso, o povo de Barcellos e as Associações acima referidas, respeitosamente vos pedem a approvação de uma lei que em Portugal estabeleça a observancia do descanso ao domingo; e, se assim procederdes, crede que praticas um acto de Justiça e satisfazes as aspirações de todas as massas trabalhadoras, as quas são a força productiva do nosso commercio e industria e são a alavanca bem forte do progresso da nação Portuguesa.

Assim se espera dos nossos conscienciosos e illustres legisladores.

Barcellos e salão nobre da Camara Municipal, 27 de Agosto de 1905.

**A «Fraternidade» é hoje enviada pela primeira vez, a alguns collegas que — por serem interessados na mesma causa que defendemos — deve auxiliar todos aquelles que, simplesmente movidos pela ideia de prestarem o seu modesto concurso á causa dos opprimidos, labutam na imprensa; e, n'esta convicção, entendemos que todos poderão auxiliar-nos com a sua assignatura já mais porque o nosso jornal é barato e foi fundado para defender os direitos dos opprimidos.**

**Pedimos, pois, a todos elles que nos ajudem com a sua assignatura, e o nosso reconhecimento será eterno.**

Registamos já as assignaturas que seguem, e que muitissimo agradecemos:

A pedido da administração, os srs.

João Carlos Vieira Ramos, Adelino Alves Maciel, Comendador Manoel Joaquim Coelho Gonçalves, José Moreira da Silva Bayão, Armindo d'Oliveira e Mattos, José Vieira Velloso, Francisco de Paula, Adão F. Zambujo, Antonio José Machado, Antonio Candido Dias das Neves, Pinheiros & Souza, Custodio Joaquim Ferreira, Manoel Maria Cortez, Ferreira, Lopes & C.<sup>ª</sup>, Augusto da Silva e Castro, Novaes & Silva, Antonio Maria Cardoso, José Ferreira Gonçalves, Nunes da Silva & C.<sup>ª</sup>, Custodio Lopes da Silva Guimarães & C.<sup>ª</sup>, Guilherme d'Almeida Ramos, Adrião de Souza & Filhos, José Antonio Moreira, Appolinario C. d'Andrade, Antonio Camacho, Faustino d'Oliveira Camello, Lafayette Machado, José Cardoso, Julio do Anaral, José da Costa Guimarães, Francisco d'Almeida, Joaquim Antonio Guerreiro, Francisco Vicente Branco, José Augusto Henriques, Manoel Barceló Segura, Eduardo Emilio dos Santos e José Lopes.

A pedido do collega Frasco Junior: o sr. Alvaro Ribeiro Fontes.

A pedido do collega Magalhães Junior: os srs. Eugenio Baptista da Silva, Antonio Fernandes, Manoel José Pereira e Innocencio F. d'Araujo.

## Chronica

Estende-se silenciosamente pelo espaço uma camada de gazes densa e cerrada; nuvens correm pressurosas, negras e longas, a accumularem se ao longe, a confundirem-se á vista.

Aves escuras volteiam doidamente, grassando com vivacidade e dando no espaço um espectáculo admiravel. Corre, no grande campo sereno, uma viração fria, quasi insupportavel. Choupanas de operarios jazem immersas em tranquillidade profunda, em uma paz dolorosa e triste. Levantam-se, de tempo a tempo, no oceano immenso, que corre tumultuoso, vagas enormes que se desfazem em espuma branca. Vagalhões escuros ameaçam os pequeninos barcos, que fluctuam no grande mar; nos acanhados casebres de infelizes pescadores, manifesta-se a desdita expandida em gritos pungentes.

No campo a vida corre serena. Lavradores de enxada ao hombro então a canção alegre d'uma mocidade longa. Campos nezas lindas, bustos gentis de morenas encantadoras, viçosas como a natureza em maio, trocam olhares trocistas, riem-se de um rapaz com olhos vèsgos. Lá adiante, os passaros chilreiam alegremente, cantam a melodia santa do amor. E a natureza em festa, vestida de pomposas galas, cumprimenta o sol, saúda a mocidade que expande jovialmente o descuidoso pensar da juventude. E corre a vida serena e calma, alongada pela illusão ephemera do amor, entretida pela crença d'um futuro auspicioso na companhia da mulher amada, rodeados do fructo encantador de um enlace abençoado. F. G.

### «A Fraternidade»

Prevenimos os nossos presadissimos assignantes de que está em cobrança o primeiro semestre de assignatura d'este jornal.

E' agora n'esta occasião, que nós vamos conhecer os nossos amigos: — os que querem ver na «Fraternidade» um jornal forte e desassombrado na defeza dos interesses da nossa infeliz classe, e os que pretendem vê-la sobrar a golpes de desauxilio.

Uma classe que tem direitos a defender e que precisa da sua imprensa para propagandear a sua causa, deve por *dever mesmo* nunca abandonar aquelles que lhe dedicam o trabalho mais sincero e mais entusiastico das suas horas livres, porque é dever dos opprimidos trabalhar pela sua libertação.

Assim o esperamos.

Assim cremos que acontecerá; e oxalá que os nossos assignantes nos não tragam o desconforto, o desanimo e a hesitação ao nosso proseguimento no caminho que traçamos e que é luctar e caminhar firme pela conquista dos direitos d'essa enorme legião de trabalhadores que se chamam — caixeiros.

Sejam amigos nossos e dedicados á causa que defendemos,

## Relatorio da Sociedade de Sciencias Medicas

SOBRE

### O Descanso Dominical

A Associação dos caixeiros portuguezes aspira a ver consagrado por lei o direito ao repouso dominical para os membros da sua classe, e na ideia de que a hygiene favoreça a sua causa vem solicitar o voto d'esta Sociedade (\*) sobre a necessidade de proteger-lhes a saude pelo descanso semanal. E esse voto é, como não podia deixar de ser, de inteira acquiescencia.

Ha muito que a hygiene e a economia social de mãos dadas asseguraram a victoria do principio do repouso periodico como um direito das classes trabalhadoras. Das petições dos interessados e dos themas dos philantropos passou-se ao voto geral dos congressos e aos decretos parlamentares. A sciencia e a lei modernas vieram restaurar por um justo regresso o que a moral e a religião tinham sagrado: e a sancção foi plena e absoluta. A todo o trabalhador, em nome da saude physica e mental, em nome da propria riqueza individual e publica, se disse como nos tempos biblicos, mas com o dogmatismo positivo de hoje:—descansarás ao selino dia. E a lei por toda a parte buscou garantir coactivamente a execução de mandamento.

**Poupar energia é ganhar energia:** gasta-se mais depressa e menos utilmente o organismo que trabalha sem descanso. O trabalho continuo desmerece, tanto o trabalhador que physicamente definha, como a sua productividade que se inferiorisa. **Estabelecem as estatisticas inglezas dos Trades-Unions que, tomando dois homens do mesmo valor, um a trabalhar toda a semana, outro a descansar um dia, a média do trabalho fornecido por aquelle que trabalhou ininterruptamente os seis dias é inferior á d'aquelle que repousou as vinte e quatro horas hebdomadarias.**

Tudo quanto sabemos da physiologia e da psychologia do trabalho explica bem este resultado experimental. E aqui está tambem como a imposição dominical pôde não prejudicar a actividade productiva d'hoje; e que a moderasse, folgariam os que vêem os males sociaes da hyperprodução industrial.

Nos paizes inglezes o velho puritanismo das suas gentes, sancionado tambem de longa data pela lei civil, mantem universalmente a obrigação do domingo.

Na propria Australia e Nova Zelandia, paizes onde as reivindicações operarias se integraram na lei e na administração como em parte alguma, onde a voz das classes trabalhadoras é preponderante, não foi necessario inserir o repouso dominical entre as leis protectoras do tra-

balho, a não ser para umas poucas industrias onde o chamado *Sweating system*—o trabalho continuo a todo o transe, abusivamente se estabeleceu; uma inspecção do trabalho, montada a rigor, assegura a urgencia do preceito.

A Suissa foi a primeira a legislar sobre o descanso hebdomadario para todos os operarios e empregados de qualquer ordem e categoria; inseriu artigo especial prohibindo que se occupem nos armazens e lojas os empregados aos domingos; apenas quando o ramo de commercio assim o exija, permite o uso d'algumas horas durante a manhã, mas n'esse caso o patrão fica obrigado a conceder ao caixeiro um domingo completo em cada quizenza.

A Alemanha em 1891 legislou sobre o repouso semanal, e da mesma maneira a Belgica, a Suecia, a Noruega, a Austria. Em França, pela exposição de 1900, reuniu-se um congresso para o repouso do domingo. Aos que censuram a liberdade d'um dia de folga respondeu o congresso que o abuso possivel não é motivo sufficiente para supprimir essa liberdade, e chama sobre o ponto o zelo das sociedades dominicaes, lá fóra estabelecidas, que se occupam do melhor modo de empregar em distracção util e higienica o feriado semanal. Mais uma vez afirmou que o repouso periodico é possivel em graus e combinações diversas para todas as profissões commerciaes e industriaes, insistindo em que a limitação do numero de horas de trabalho por semana é preferivel á limitação do numero de horas de trabalho por dia.

Agora, ha poucos dias, foi presente á camara franceza um relatorio da comissão parlamentar de trabalho sobre uma proposta de lei tendente a obter para os empregados de commercio e armazens a folga semanal, parecer rasgadamente favoravel e em que se assegura que nenhuma perturbação trará taes medidas aos habitos do publico e á economia dos estabelecimentos commerciaes e industriaes.

A iniciativa dos caixeiros portuguezes tem, pois, por si a justiça e o exemplo, e esta sociedade não lhes regateia os applausos, fazendo votos pela victoria d'uma causa a que ninguém pôde legitimamente oppor-se. Pondera todavia que o beneficio legal da folga hebdomadaria não deve estreitar-se a uma simples classe, mas abranger o maior numero de categorias d'obreiros.

Em Portugal, apesar das suas tradições catholicas, o descanso do domingo ha muito que começou de ser desrespeitado. Na provincia é ainda acatado o dia de guarda; no Porto os operarios os operarios das constracções civis gosam da folga do meio sabbado, tal como os operarios da Australia. Mas o uso de manter as lojas abertas aos domingos é frequente em cidades e villas por todo esse paiz fóra. Na capital a noção do domingo

muito se obliterou, sobretudo nas artes e industrias. A quem vem de fóra ou de outro ponto do paiz ou do estrangeiro, surpreheende esta postergação de um praxe sã e antiga. Dadas as ideias sociaes economicas e sociaes higienicas de hoje em dia, este abuso torna-se verdadeiramente escandaloso e condemnavel. Está a pedir uma campanha viva e a sancção d'uma lei prohibitiva. **A saude e o bem estar dos que trabalham é cada vez mais um interesse publico a salvar. Abençoada será a lei que tenha por fim garantil-o.**

Ricardo Jorge.

### Contribuição da feira

Está no sub-titulo a declaração de que este quinzenario tambem se interessa pelas prosperidades e regalias do commercio em geral. E, sempre que o patrão necessite de que façamos propaganda das suas causas, porque as tem como os caixeiros, nós estaremos do seu lado; porque, ligados como estão os interesses particulares da nossa classe com os do patronato, e tendo nós de soffrer os males de que enferme o negociante—que é um *burro de carga* de contribuições—deveremos, em occasiões opportunas, ligar á d'elle a nossa força de vontade, e, com elle, procurar melhorar a situação do commercio.

Ha muito tempo que os negociantes de Barcellos, representados por uma commissão, reclamaram da nossa vereação municipal a contribuição do mercado da feira, facto que se dá em quasi todas as terras do Paiz. A promessa de attender tão justa reclamação foi feita e cremos até que a camara, n'uma reunião dos 40 maiores contribuintes, obteve auctorisação para pedir ao governo a approvação de uma postura com aquelle fim.

Por isso, o que agora se tem a fazer, é instar com a camara para que sem perda de tempo submetta á apreciação do governo a referida postura.

Toda a gente sabe que na nossa feira semanal se vende de tudo:—se alli formos, encontramos *tendas*, com fazendas de lã e algodão, tal qual como em uma loja especialista no genero:—e os proprietarios d'essas *tendas* nada pagam, nem ao estado nem ao municipio!

O negociante propriamente dito paga pesadas contribuições, á camara e ao Estado; e, com a mesma razão que estes pagam, justo é que aquelles tambem sejam collectados pela camara.

A receita do nosso municipio, que, cremos, orça por uns 20 a 24 contos annuaes, não chega para que elle cuide dos melhoramentos necessarios á villa, e, d'ahi, o motivo justificado de as nossas vereações terem de contrahir emprestimos, que nunca poderão saldar, e lançar, to-

dos os annos, ao contribuinte mais uns tantos por cento. São isto factos e difficuldades que a camara deve procurar fazer desaparecer, para desafogar a sua administração e cuidar a valer dos melhoramentos que dizem respeito ao nosso vasto concelho.

Não será preciso á camara contribuir pesadamente os feirantes para que d'ahi possa tirar uma receita approximada a 10 contos de reis por anno! E não será isto muito, se attendermos á grande quantidade de transacções que ahi se effectuam ás quintas-feiras.

Pedimos pois á nossa illustre vereação, que não descuide a petição justissima do commercio local, para seu beneficio e beneficio d'este; e agora que tem os seus no poder, melhor do que nunca pôde beneficiar o seu cofre, creando a receita proveniente da contribuição do nosso mercado.

O pedido ahi fica, com a esperanza de o vermos attendido.

Simplex.

### O descanso

«E' uma consequencia fatal, inevitavel e justa, reclamada pela moral para o corpo humano.

O homem—segundo a lenda christã—foi condemnado a ganhar o pão do corpo com o suor de seu rosto e por isso Deus promettera ajudal-o.

Mas, segundo a mesma origem, tambem Deus disse: Seis dias trabalharás e ao setimo descansarás!

\*

O estado portuguez é catholico, apostolico e romano. Officialmente elle deve respeitar os preceitos da sua religião.

Legislar para o trabalho—respeitando a opinião de Deus, que ordenára—segundo as *escripturas* que lhe são attribuidas—o descanso ao cabo de seis dias de trabalho continuo.

\*

Onde param as vossas crenças, oh governantes?!

Para onde foi a vossa fé, oh estadistas?!

Que é feito da vossa coherencia doutrinaria, oh homens que vos confessaes *fieis* das doutrinas religiosas e que tanto pelo egoismo e cubiça do vil metal, como pela vaidade do vosso poderio recusaes aos que trabalham o descanso reclamado pelo corpo e imposto pela verdadeira moral social?!

Onde estão—respondei?!

Comprehendemos.

O Capital não tem religião nem politica.

A moral a que obedece é a da cubiça, a da ambição do ganho.

E o Estado actual é o... regulador das funções capitalistas.

O trabalho não tem direitos.

A elle, o—Caminha! Caminha! do *Judeu errante*!...

\*

Caminha! Caminha, pária!

(\*) Sociedade de Sciencias Medicas.

Para onde?

Para a officina—a fabricar os canhões e as espingardas com que serás morto...

Para as fabricas—a tecer as sedas e as tapeçarias com que se vestem e adornam os felizes...

Para o campo—a arrotear a terra para que ella produza muito... para os outros...

Para a obra—a construir soberbas vivendas e sumptuosos palacios...

Para o balcão a pesar e medir... para o escriptorio a manejar os algarismos...

Descansarás, pária, se confiares só da vontade dos outros a justiça da tua causa.

Descansarei?!  
Quando?!...

Na valla do cemiterio.

J. de Cale.

## Eccos da quinzena

### Antunes Vaz

Em serviço da importante casa Callado & Moraes, de Lisboa, esteve entre nós o nosso presadissimo amigo e collega Antunes Vaz, figura destacante do movimento reivindicador da nossa classe.

Repetimos os nossos cumprimentos.

### Luiz Pereira

O nosso solícito correspondente em Lisboa e presadissimo amigo Luiz Pereira, consorciouse ha dias, pelo que o felicitamos muito sinceramente, augurando-lhe um futuro muito prospero e muito feliz.

### Jornaes

Desde que este jornal reeneitou a sua publicação, não temos recebido *O Caixaero*, nem *A Voz do Caixaero*. Porque será?

—?!!!...

Ignorancia da nossa existencia, por certo.

### «A Fraternidade»

Com o proximo numero, entra este periodico no segundo anno de publicação. E como pretendemos apresentar esse mesmo numero com collaboração allusiva áquelle nosso anniversario, solicitamos de todos os nossos presadissimos correspondentes escriptos pelos quaes se mostre as suas impressões da linha de conducta que temos seguido. Estes escriptos devem achar-se em nosso poder, o mais tardar, no dia 11 de outubro.

### Mudança

Participamos a considerada firma portuense—Fernandes Valle & Mendonça—que mudou a sede do seu armazem de fazendas para a mesma Travessa dos Clerigos, 17 a 27, onde, esperam continuar a receber as ordens dos seus freguezes.

### Associação operaria

Reunem amanhã, domingo, na sua sede, os socios da novel

Associação de Classe das Quatro Artes de Construcção civil, para approvarem e discutirem o projecto d'estatutos que vae ser submettido á sanção do governo.

Apologistas sinceros, como somos, do movimento associativo e crentes no surgir de uma nova era de emancipação para todos nós—os que trabalham na fabrica, na officina e no balcão—não podemos furtar-nos ao desejo de d'aqui dirigir o nosso applauso caloroso e sincero aos arrojados operarios barcellenses, pela obra de grande alcance social que trazem em construcção e á qual desejamos as maiores prosperidades.

Ao mesmo tempo que este incitamento lhes dirigimos, declaramos-lhes que as columnas da *Fraternidade* estão á disposição da sympathica Associação, para tratar de qualquer assumpto de interesse para a classe que n'esta terra representa.

Avante, operarios barcellenses!

### Commercio

Acaba de se estabelecer com uma bem sortida loja de mercearia, no Campo da Feira, o nosso presado amigo e ex-companheiro local, José da Conceição Gonçalves, a quem desejamos um futuro cheio de prosperidades.

Tambem se estabeleceu com loja de mercearia, ha um mez e tal, o nosso collega Antonio de Sousa Pires, na rua do Infante D. Henrique.

Tomou de trespasse a casa de mercearia que n'esta villa girava sob a firma—Candido Faria—o nosso amigo e camarada local Adelino Gomes Torres. A estes dois nossos amigos desejamos todas as prosperidades.

### Officio

Recebemos o seguinte, cuja publicação nos pedem:

«A direcção do grupo Liberal de Instrucção e Recreio, d'esta villa, vem por este meio, mui respeitosa e agradecida a V. o especial favor que tão briosamente nos tem dispensado, offerecendo-nos o seu jornal para a boa instrucção dos socios d'este Grupo.

Deus guarde a V.

Villa Real de Santo Antonio, 5 de setembro de 1905.

Sr. director da «Fraternidade»

Pelo Grupo,

(a) João Caldeira Maior  
(a) Joaquim Bento Collaço  
(a) José Pedro d'Assumpção.

A proposito d'este officio, — cujas palavras de agradecimento não tem razão de ser, porque é nosso intuito collaborar no aperfeçoamento moral e intellectual da nossa classe, — temos a dizer que remettemos gratuitamente a *Fraternidade* a todas as oggremiações de caixaeros, das quaes tenhamos conhecimento.

Aquellas que não recebem esta publicação quinzenal, podem requisital-a á redacção, que immediatamente lhes será enviada.

## Livros & Jornaes

### «A Bairrada»

Foi-nos remettido o 2.º numero d'este semanario. E' independente, illustrado, noticioso, litterario e agricola, da Mealhada. O seu director, Adelino de Mello, tem bastantes conhecimentos de jornalista e, por isso, pôde dizer-se que «A Bairrada» deverá occupar no jornalismo moderno um logar de destaque, jámais porque o seu fim é defender os interesses da terra onde se publica.

Dando-lhe as boas vindas, saudamol-o e vamos estabelecer permuta.

### «O Villacondense»

Recebemos tambem a visita d'este semanario regenerador, de Villa do Conde, que vae no 6.º anno de publicação. Tem boa collaboração e vasta secção noticiosa.

Agradecendo a visita, vamos tambem estabelecer troca.

### Discurso

Foi-nos enviado, impresso, o discurso proferido na camara dos Pares, pelo sr. general Dantas Baracho, no dia 28 do mez passado. E' cheio de ataque violento aos actos do governo, mas... fraternidade, fraternidade senhores... porque a coisa parece que passa.

## ECCOS

### O homem mais rico

Segundo informa Jules Huert nas suas «Notes de voyage en Amérique», o homem mais rico é o milionario americano Rockefeller, posto ha alguns dias em evidencia pelo «Matin», que lhe propoz que pagasse a indemnisação de guerra que os japonezes pediam aos russos.

Claro está que Rockefeller recusou. Parece, contudo, que não desdenhara de emprestar dinheiro á Russia, porque um dos seus altos representantes teve conferencias em S. Petersburgo com o príncipe Aihilhof, antes d'este partir para a Mandchuria, e a imprensa attribue-lhe o fim de negocios talvez com a base nas minas de petroleo do Caspio.

A fortuna de Rockefeller está calculada apenas em 800.000 contos (não se assiste o leitor), os quaes correspondem a 5% do sustento de 66.675 familias que dispendem 50.000 por mez, ou a felicidade de 133.350 amanuenses portuguezes, já que estes conseguem viver com 25.000 réis (fora os descontos) mensaes!

Que extravagancias tem a sorte!

O que são as grandes civilizações! Um chronista portuguez, agora em villegiatura pela Europa, dá-nos a inesperada novidade mundana de que, em Vienna d'Austria, os rapazes ceiam—de smoking!

Que luxo, hein? Que requintada elegancia! Ponha os olhos n'este smoking o glorioso Portugal que, para a comida lhe saber melhor agora de verão, tira o casaco e janta em mangas de camisa.

### Uma cauda incommodativa

Os japonezes são grandes fabricantes de monstros anões e gigantes. Um tal Porahei Shumanuehi de Kochi conseguiu, por processos especiaes seus, fazer crescer a cauda de um gallo até quatro metros e meio de comprimento. O pobre animal nem por isso se mostra contente com este appendice, que o notabilisa: ponsado no chão não pôde andar, e empoleirado, a cauda pesa-lhe tanto que o arrasta; de modo que é preciso tel-o deitado n'uma prancheta a cinco metros de altura.

O director de um jornal dos Estados Unidos teve a ideia de escrever ao imperador da Alemanha, propondo-lhe que escrevesse um artigo de columna sobre as consequencias da guerra russo-japoneza. E juntava a essa carta um cheque de 25.000 dollars, como retribuição do referido artigo.

Convenhâmos que não eram honorarios indignos de um soberano. Pois a resposta, que se não fez esperar, foi a mais inesperada para o director americano. Devolvendo o cheque, o secretario particular do imperador declarava em uma phrase do mais secco laconismo, que Sua Magestade não tinha vagar nem desejo de se occupar de jornalismo.

Ora pois, a ideia era digna de melhor sorte!

Durante o sitio de Paris, em fins de 1870, compacta multidão esperava avidamente noticias da guerra, diante da «mairie» do nóno «arrondissement», situado na rua Dronot. A porta era defendida por dois guardas-nacionaes, a quem fóra ordenado que não deixassem entrar ninguém, sem uma permissão assignada pelo «maire», que era o conhecido homem politico, hoje senador, Arthur Ranc.

Tendo, difficilmente, atravessado a rua, lá o proprio Ranc penetrar na «mairie», quando um dos guardas lhe gritou:

—E' prohibido entrar.

—Mas...

—Tem, por acaso, um papel assignado pelo «maire»?

—Eu sou precisamente o «maire», declarou Ranc.

—Isso me é indifferente; sem uma licença n'essas condições, ninguém passará.

Então, Arthur Ranc, rasgando uma folha de um pequeno caderno que trazia, escreveu: «Deixeme passar. O «maire» do XIX arrondissement, Ranc». E apresentou o papel ao guarda, que lhe disse:

—Está em regra.

E afastou-se para que elle entrasse.

## “FRATERNIDADE”

Orgão dos caixaeros e do commercio em geral

BARCELLOS

Ca. mo Lus.